

FLUXO MIGRATÓRIO DE ESTUDANTES AFRICANOS NO INTERIOR DA BAHIA: POSSÍVEIS TRANSFORMAÇÕES NO OLHAR DO FRANCISCANO SOBRE O AFRICANO¹

André Pascoal Gaspar²

RESUMO

O presente artigo visa compreender como os estudantes africanos são visibilizados e tratados nos dias atuais quando identificados pelos munícipes de São Francisco do Conde, localizada no Recôncavo baiano, com foco nas mudanças ocorridas entre os anos de 2014 à 2021 no município, com o início das atividades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Partindo de uma análise autoetnográfica e nos relatos de estudantes veteranos, assim como em trabalhos que abordam o estranhamento e a imagem estereotipada do continente africano na cidade, busco saber como os estudantes africanos são vistos e tratados nos dias atuais neste município.

Palavras-chave: Estudantes africanos. Estudantes universitários - São Francisco do Conde (BA). Etnologia - São Francisco do Conde (BA). Unilab - Estudantes.

ABSTRACT

This article aims to understand how African students are made visible and treated nowadays when identified by the residents of São Francisco do Conde, located in the Recôncavo Baiano, focusing on the changes that occurred between 2014 and 2021 in the city, with the beginning of the activities of the Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Starting from an autoethnographic analysis and the reports of veteran students, as well as works that address the estrangement and stereotyped image of the African continent in the city, I seek to know how African students are seen and treated nowadays in this city.

Keywords: African students. Ethnology - São Francisco do Conde (BA). Unilab - Students. University students - São Francisco do Conde (BA).

1 Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresentado ao curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades do Instituto de Humanidades e Letras (IHL) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Campus dos Malês, sob a orientação da Prof^ª Dra. Mariana da Costa Aguiar Petroni, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

2 Graduando do curso de Bacharelado em Humanidades pela UNILAB.

1 INTRODUÇÃO

É notório o fluxo populacional em todas as sociedades do mundo pautado na busca de objetivos, pois quem o faz acredita ser possível alcançá-los em outros espaços com realidades distintas daquela cujo ele/a é nativo. É assim que vários estudantes africanos emigram de seus países e imigram para outros em busca de uma formação acadêmica para aquisição de uma vida profissional. Jovens saem do seio familiar na perspectiva da concretização de seus sonhos. Portanto, podemos considerar que a migração “hoje, não se refere a substituição de quadros coloniais, mas está em causa a formação de quadros em busca da consolidação interna e externa dos Estados-nação, na busca de um espaço na divisão internacional” (GUSMÃO, 2012, p.17).

O Brasil é um país que por intermédio da cooperação Sul-Sul, que engloba os países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), recebe, desde 2011, estudantes pertencentes a essas regiões, através da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), com destino aos Estados da Bahia e do Ceará, onde estão localizados os campi da universidade.

Na Bahia, o campus dos Malês, localizado no município de São Francisco do Conde, agrega estudantes oriundos de Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e também estudantes brasileiros provenientes de diferentes partes do país.

Com início das aulas dos cursos de graduação presencial no ano de 2014, o campus assim como a cidade de São Francisco do Conde, receberam inicialmente um total de 55 estudantes, sendo uma de nacionalidade angolana, cinco de Cabo Verde, quarenta e sete guineenses, um moçambicano e uma santomense (BENDO, 2016). Não obstante essas distinções, todos os estudantes eram chamados de angolano, pois para muitos franciscanos a África é um país, no qual Angola é sua capital.

Bendo (2016) ainda aponta que a chegada dos estudantes africanos em São Francisco do Conde revelou o olhar dos munícipes à esses estudantes, principalmente em referência ao lugar de onde vinham e como chegaram ao Brasil, a partir de uma percepção embasada na exotização do continente africano.

No ano de 2018, no mês de junho, iniciei meus estudos na UNILAB, nesse mesmo ano, vários estudantes veteranos relatavam que, apesar de já estarem no município há 3 anos não eram facilmente identificados como africanos, podendo assim, estarem entre os franciscanos e serem vistos como um deles. Porém, quando afigurados, percebiam um tratamento e olhar diferenciados por parte dos nativos, formados a partir de um esteriótipo da África e o africano, como um lugar de muita pobreza, fome e pessoas não capacitadas.

Partindo de uma análise autoetnográfica³ e com base nos relatos feitos por muitos estudantes veteranos e em trabalhos de conclusão de curso que abordam a questão do estranhamento e a imagem estereotipada do continente africano existente em São Francisco do Conde, busco aqui compreender como nós estudantes africanos somos visibilizados e tratados nos dias atuais, com o objetivo de saber se ainda persiste o estranhamento sobre nós, e se ele existe, como ocorre?

Deste modo, busquei saber se houve alguma mudança relacionada ao olhar dos habitantes da região com relação aos estudantes africanos, durante os sete anos de nossa presença enquanto residentes/temporários na cidade de São Francisco do Conde. A pesquisa aqui apresentada foi realizada, principalmente, por meio de entrevistas abertas que foram feitas com estudantes africanos (as) e franciscanos (as), mas que ganharam sentido e significado por meio das minhas próprias vivências como estudante africano no Brasil.

2 A SAÍDA DOS ESTUDANTES AFRICANOS DOS PAÍSES DE ORIGEM

A dispersão de africanos pelo mundo é instigada por vários motivos, alguns pessoais e outros coletivos. No entanto, para os estudantes africanos da UNILAB essa movimentação é bastante peculiar, pois embora a trajetória de cada um é particular, somos incitados pelo mesmo desejo, a aquisição de uma formação diferenciada e de qualidade, pois os países africanos de língua oficial portuguesa têm uma similitude muito característica no tocante à educação, sobretudo do ensino superior.

A existência de universidades públicas nesses países ainda é pouco significativa, fato que torna o acesso difícil, diferente das universidades públicas do Brasil cujo o ingresso é totalmente gratuito. Segundo Rolim (2020), entre os países do PALOP, Cabo Verde é uma exceção justamente por este ter tido um crescimento expressivo na taxa de matrícula, comparado a situação geral da África, no período entre 2003 e 2018. Um ponto bastante comum para entrada nas universidades públicas desses países é a aplicação de provas para ingresso, um processo que ocorre a cada ano, assim quem deseja ingressar precisa realizar exame em cada uma das universidades que gostaria de frequentar. E, não podemos esquecer que a realização

3 Segundo Ellis e Bochner “a autoetnografia é um gênero autobiográfico de escrita e pesquisa que apresenta múltiplos níveis de consciência, conectando o pessoal ao cultural, expondo frequentemente um *self* vulnerável”. (ELLIS e BOCHNER, *apud* GAMA, 2020, p.4). Nele o autor usa a auto-reflexão de suas experiências pessoais, sendo ele parte do objeto de estudo.

dessas provas sobrevém do pagamento de uma taxa, que em muitos casos impossibilita o acesso para aqueles estudantes cuja a realidade socioeconômica não a propicia.

A estudante caboverdiana Lenira Gonçalves conta que nunca quis sair de seu país para aquisição de formação acadêmica, mas que se viu forçada por não dispor condições econômicas para o ingresso e manutenção em uma instituição pública, pois, em seu país, tanto nas universidades públicas quanto privadas paga-se mensalidade.

Apresentando os motivos que lhe instigaram a emigrar de seu país a estudante conta:

A condição em que eu observava a minha família, especialmente a minha mãe, me motivava a ter uma vida melhor, pois vivíamos sob constante dificuldade em diversas vertentes. Ainda muito pequena, recordo que aquela realidade me deixava abismada e almejava ver a minha família em situações melhores. Minha mãe tinha um emprego, porém o salário não era suficiente para suprir as demandas em casa e ainda menos para responder as necessidades como pagar as mensalidades das universidades caboverdianas, pois em Cabo Verde, há universidades públicas e privadas, porém em qualquer das instituições de ensino, se deve pagar um valor mensal para o acesso e permanência da(o) discente. Existem várias discrepâncias entre as universidades no Brasil e em Cabo Verde, sendo uma delas, referencio o fator mensalidade, visto que no Brasil, as instituições públicas são gratuitas, enquanto que em Cabo Verde não são. Recordo que, na época em que eu fui concorrer, o valor mensal era equivalente ao salário mínimo, evidentemente que, minha mãe, assim como muitas famílias caboverdianas, não obtém recursos para o acesso à universidade pública. (LENIRA MENDES MONTEIRO GONÇALVES, cabo-verdiana, mestranda em Estudos Feministas pela Universidade Federal da Bahia – UFBA, entrevistada no dia 16 de Julho de 2021).

A realidade de Lenira traduz a da maioria dos estudantes africanos que vêm para Unilab, saindo de uma família cuja a renda é muito baixa e de vivência periférica, movidos não apenas pelas condições socioeconômicas como também pela valorização do ensino dos países desenvolvidos e em desenvolvimento pelo governo e instituições de trabalho do país de origem, como no caso de Angola. Existe uma percepção entre muitos jovens angolanos que o ensino fora do país além de ser melhor, garante maiores oportunidades para conseguir uma vaga de emprego. Uma realidade que apenas quem enfrenta consegue perceber, pois assim como o Brasil, Angola é um país cujo a desigualdade social transpassa e o Estado parece não captar.

Além disso, podemos agregar aos dados anteriores a percepção, entre os jovens africanos, de quem realiza seu curso superior fora do país ganha prestígio social. Daí que muitos estudantes africanos dos PALOP emigram para a aquisição de um ensino diferenciado, se dispondo a enfrentar os desafios e experiências de estudar noutro país e se adaptar a uma nova cultura e domínio da variação linguística, à assimilação comportamental da população acolhedora e demais questões desafiadoras para esse primeiro contato.

3 A UNILAB E AS IDEIAS SOBRE ÁFRICA

Como já citado anteriormente, o Brasil tem uma relação de cooperação com o continente africano por meio da chamada cooperação sul-sul. No âmbito da educação superior, essa cooperação foi criada pelo ex-presidente Lula e, é voltada para os países africanos de língua oficial portuguesa de modo que o Brasil possa assim pagar o que ele chama de dívida histórica, que segundo o mesmo, se deu através do processo de escravização dos negros africanos trazidos ao Brasil.

Numa entrevista ao site de notícias G1 em julho de 2010, Lula afirmou que o Brasil tem um compromisso político em ajudar os países africanos, e essa ajuda será feita por meio da solidariedade:

O Brasil tem compromissos políticos de ajudar o continente africano a se desenvolver. O Brasil tem dívida histórica com os africanos, e nós achamos como essa dívida não pode ser paga com dinheiro. Ela é paga com solidariedade, com gestos políticos e com ajuda”, disse Lula durante o programa desta segunda-feira (LUÍS INÁCIO LULA DA SILVA, Café com Presidente, G1, 12/07/2010).

Nesse contexto, a UNILAB foi criada pelo ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, tendo ele apresentado em 25 de julho, na 7ª Conferência de Chefes de Estado e Governo da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) realizada em Lisboa, o modelo da universidade, após ter encaminhado o projeto de Lei nº 3.891⁴ que visava a criação da universidade ao Congresso Nacional.

De acordo com sua lei de criação, a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira tem como objetivo ministrar cursos de ensino superior, desenvolver pesquisas nas diversas áreas de conhecimento e promover a extensão universitária, tendo como missão institucional específica formar recursos humanos para contribuir com a integração entre o Brasil e os demais países membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, especialmente os países africanos, bem como promover o desenvolvimento regional e o intercâmbio cultural, científico e educacional.

Implementada no nordeste do Brasil, no Maciço de Baturité, estado do Ceará, nas cidades de Redenção e Acarape e a posteriormente no Recôncavo baiano, estado da Bahia, na cidade de São Francisco do Conde. A universidade partiu para o início de suas atividades acadêmicas

4 Mais informações da lei de criação disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12289.htm.

em 25 de maio de 2011 e no ano posterior deu-se a inauguração do Campus da Liberdade em Redenção/CE, no mês de julho, a inauguração da Unidade Acadêmica dos Palmares em Acarape/CE e em maio de 2014, a inauguração do Campus dos Malês em São Francisco do Conde/BA.

Segundo o último censo populacional feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), São Francisco do Conde é a região metropolitana de Salvador com maior número de população negra (maior que 90%), com um número estimado 31.699 de habitantes, porém, a atualização mais recente (2020), apresenta um crescimento estimado a 40.245 habitantes.

O Campus dos Malês é um espaço cedido pela prefeitura de São Francisco do Conde, que possui uma área geográfica de 2.710m², (os prédios oficiais da universidade estão em construção), este espaço tem uma estrutura de 2 pavimentos com 10 salas de aula, laboratório de informática; auditório para 120 lugares; rampa de acessibilidade ao pavimento superior; enfermaria, restaurante universitário, biblioteca, banheiros, inclusive para deficientes, quadra poliesportiva com cobertura e área para o setor administrativo. As atividades acadêmicas do campus tiveram início em fevereiro de 2013, com os cursos de graduação e pós-graduação em Ensino A Distância-EAD, e foi em maio de 2014 que se deu o começo das aulas dos cursos de graduação presenciais.

Inaugurado em 12 de maio de 2014, a universidade foi apresentada à comunidade franciscana com participação significativa de sua população no evento, tendo a ex-reitora Nilma Lino Gomes acentuado o carácter público da UNILAB e seu interesse de integração entre os municípios e os estudantes africanos. Falando para os presentes no evento inaugural do campus em São Francisco do Conde, o ex-presidente Lula reforçou sobre o compromisso que o Brasil tinha com o continente africano:

Durante séculos, a África perdeu parte de sua juventude para ser escrava em vários países do mundo. Tomei consciência de que a dívida do Brasil com a África era de tamanha magnitude que ela teria que ser paga com solidariedade e com reconhecimento de que foi a mistura de negros, índios e europeus que transformou o Brasil nesta coisa bonita e alegre que é. Então, achei que uma das formas de contribuir seria criar uma universidade em que pudéssemos trazer para cá jovens africanos, formá-los profissionalmente e devolvê-los ao seu país para que ajudasse a África a dar o salto de qualidade que tanto precisa dar. (LUÍS INÁCIO LULA DA SILVA, Assecom/Unilab, 12/05/2014).

Cumprindo sua tarefa de integração entre os franciscanos e africanos, a Unilab tem instigado, através de cursos de extensão e atividades culturais, a comunidade externa informando não apenas no site da própria instituição como também na página oficial da cidade, possibilitando a transformação e troca de conhecimentos a meio desses dois povos, e incitando a inserção de estudantes nativos aos cursos de graduação presencial. Todavia, a adesão desses sempre foi muito limitada.

Para além dos cursos universitários, são realizados anualmente diversas atividades entre elas a Semana da África, que foi realizada pela primeira vez no período de 22 à 25 de maio de 2015, organizada pela Associação dos Estudantes e Amigos da África (ASEA). Esse evento tem como objetivo refletir sobre o continente africano. Ainda assim, essa comemoração, muitas vezes conta com maior participação de estudantes africanos.

4 A CHEGADA DOS ESTUDANTES AFRICANOS EM SÃO FRANCISCO DO CONDE

Com a implementação do Campus dos Malês em São Francisco do Conde, o município vem recebendo, desde 2014, vários estudantes africanos oriundos de Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique, e São Tomé e Príncipe, geralmente duas vezes em cada ano.

Quando chegamos em São Francisco do Conde, passamos por processos de ambientação e moldagem. Começamos a ter mais cuidado com o modo que falamos, e com o uso de determinadas palavras que podem ganhar significados diferentes no português brasileiro. Os homens evitam utilizar roupas cor de rosa, temos o cuidado ao elogiar alguém para não sermos mal interpretados, não olhamos os policiais de frente como também não retrucamos, temos mais cuidados com o uso do celular na rua, e etc.

A partir desses, surgem, então, numerosos choques e diferenças culturais que tornam nossa estadia e comodidade enquanto estudantes e recém migrantes difícil, pois, se dá o surgimento da sensação de não pertencimento e estranhamento deste local pelo fato que nos contextos sociais e de convivências em nossos países, esses elementos funcionam de modo inteiramente distintas. Eliseu, estudante angolano conta o seguinte:

Tive e ainda tenho muita dificuldade em lidar com muitos, tanto é que evito conversar muito com brasileiros porque sei que vai haver dificuldade de percepção, pois muitos mantêm idealizado que não entendem o modo como os africanos falam. Tive dificuldades em me adaptar com o clima da cidade, chover em tempo de frio e de calor

ao mesmo tempo não acontece em Angola. (ELISEU GABRIEL VÍCTOR, estudante angolano, entrevistado no dia 04 de maio de 2021)

De acordo com Gusmão (2012), esse processo migratório internacional no qual estamos englobados é reconhecido como uma migração temporária e especial, pois, enquanto estudantes nos movemos de um espaço nativo em busca de uma formação em outro. A mesma autora ainda aponta que diante do processo de migração, o sujeito que migra é instigado por vários fatores sobretudo pela realidade encontrada nos países que imigram, e não somente por questões econômicas tais como acontece em outros contextos migratórios, denominado pela autora como migração tradicional.

Eu, singularmente, não me senti em choque quando cheguei à São Francisco do Conde justamente por não ter criado expectativas que não estivessem relacionadas à minha formação e por ter tido o privilégio de ser informado por um amigo, que já situava-se em território franciscano antes da minha vinda, sobre a realidade da região. Porém Langa (2012) afirma:

Os imigrantes africanos saem de seus respectivos países com expectativas acadêmicas em relação ao Brasil, um país em desenvolvimento, com experiência e enorme produção acadêmica, alimentando esperanças de facilidades de inserção por conta de uma língua e culturas em comum – a língua portuguesa, a culinária, a religiosidade e a cultura negra, trazidas pelos escravos. Chegados ao Brasil, os imigrantes africanos enfrentam diversos desafios, particularmente, as dificuldades econômicas devido ao elevado custo de vida desta metrópole e a discriminação racial em graus e formas distintas das encontradas em nas suas terras de origem. (LANGA, 2012, p.4)

No referente artigo, o autor aborda sobre a diáspora africana no estado do Ceará, através de uma investigação que concerne as interações e representações que se estabelecem entre cearenses e imigrantes africanos, a partir de um contexto frisado pelo preconceito racial e as dificuldades econômicas enfrentadas por esses imigrantes. Situações como estas acontecem em qualquer parte do Brasil que se figure migrantes africanos ou negros de outras regiões, como o Haiti por exemplo, isso porque, ser migrante no Brasil é um desafio grande, sobretudo para nós estudantes africanos, que na maioria das vezes começamos a pensar e discutir sobre questões raciais depois que nos encontramos em território brasileiro.

Eu cresci num bairro chamado Angolano, no município do Cazenga/Luanda, e durante a minha infância tive amigos com tom de pele mais clara que a minha e outros mais escura. Como qualquer criança, o nosso cotidiano era rodeado de brigas e desentendimentos diários que geravam discussões, quando isso acontecia os que tinham um tom de pele mais escura chamavam aos de pele clara de *mulato-kanga-massa* e esses por sua vez retrucavam aos de pele

mais escura de *escuribaba* ou *mbumbu*. Essas expressões eram tidas como *estigas* ou chigamento por ser algo ligado a questão da cor da pele.

Isso certamente nos preocupava pelo fato de ter uma origem, nessa altura passava na TV a telenovela brasileira *Xica da Silva*, onde o posicionamento do homem negro, como escravo do homem branco incomodava, e os meninos mais claros sentiam-se incomodados porque enquanto diziam aos seus amigos de pele escura, que eram o contratador ou capitão More (personagens da novela, os donos dos escravos) para *estigar* seus amigos. Por sua vez, esses diziam que por eles terem uma pele mais clara eram frágeis e que qualquer toque em seus corpos deixariam marcas com bastante facilidade.

Gusmão (2012), afirma que:

a migração temporária e especial de estudantes africanos é aqui considerada como processo social [...]. São eles, parte de um contingente que carrega trajetórias e expectativas diversas, contudo são todos agentes de um duplo processo: o da internacionalização das realidades africanas e brasileiras; e, sujeitos cujo processo de circulação trás à tona, os processos de cooperação entre países e nações que, a um só tempo, incidem diretamente naquilo que são como indivíduos sociais e coletivos, inseridos num campo de tensão cultural e política, individual e coletiva. (GUSMÃO, 2012, p.19)

Nesse sentido, ainda que São Francisco do Conde seja uma cidade com a população majoritariamente negra, parte de nós não se vê identificado, pois lidamos com duas grandes questões: ser negro e ser africano, fato que ainda gera muito estranhamento e (pré)conceito sobre nós e ao continente africano por parte de alguns franciscanos. De acordo com os relatos de muitos estudantes veteranos, há alguns anos, a identificação dos mesmos não costumava ser feita de imediato, podendo assim, passarem pela comunidade como parte dela, portanto para os olhos dos munícipes nativos essa identificação sempre foi feita com facilidade, porém não como africanos e sim como pessoas não pertencentes ao município, pelo fato que a população sempre soube caracterizar quem é nato:

Consigo identificar um africano, porque apesar de São Francisco do Conde ter pessoas negras, são pessoas negras que no conhecimento já sabemos quem é, então por notificar as pessoas até com um andar diferente, uma gíria diferente, o modo de manejar as mãos diferente sabemos identificar que não é da cidade pelo fato de sfc ser uma cidade pequena, esse é um potencial da gente saber quem é diferente. (VIVALDO JUNIOR, treinador de futebol, franciscano, entrevista realizada no dia 07 de maio de 2021)

Nos primeiros anos de UNILAB, no município, os primeiros estudantes enfrentaram inúmeras situações inconvenientes associadas ao preconceito, principalmente, mediante questões sobre a imagem de uma África selvagem. Segundo o relato de alguns colegas, vários franciscanos os questionavam se na África as pessoas dormiam em cima de árvores, se tinham carro, se a viagem dos estudantes da África para o Brasil tinha sido de barco ou se na África tinha mesmo avião, entre outras questões. Essas interrogações constrangiam os estudantes, porém para muitos que vieram depois, assim como eu, a situação já foi menos incômoda, pois já não fomos surpreendidos com esse tipo de perguntas, porque os estudantes que passaram por esses episódios se dispuseram em nos informar sobre o assunto de modo que estivéssemos preparados para lidar e controlar nossas reações diante disso. Portanto hoje, ainda que isso aconteça, os estudantes africanos já não sentem um constrangimento, de certo modo este fato recai sobre a percepção de um processo de desconstrução que está sendo moldado, ainda que a passos lentos.

5 A ÁFRICA E O AFRICANO PARA O FRANCISCANO

Por muito tempo, os estudantes africanos reclamaram dos franciscanos que se referiam ao continente africano como um país onde Angola seria a sua capital, assim sendo, é plausível o questionamento sobre o modo e o que é passado aos estudantes brasileiros/franciscanos nas instituições de ensino, sobretudo quando se fala do continente africano.

Na cidade de São Francisco do Conde, ainda existem pessoas que carecem de informação e mantêm pensamentos estereotipados sobre o continente africano, e é normal que este fato ocorra, pois, trata-se de um processo de desconstrução de uma pré-concepção sobre o continente africano que muitos ainda acarretam, apesar da chegada da UNILAB e dos estudantes africanos. Não obstante, existem também muitos franciscanos que por cultivarem relações de amizade com vários estudantes internacionais, mudaram seus pensamentos sobre a África e os africanos, e para esses África já não é um país e nem todos estudantes são angolanos como costumava ser.

A presença dos estudantes africanos é marcada, durante esses sete anos, muita coisa aconteceu e certamente ainda vem acontecendo gradativamente. É notório, em tempos atuais, a comodidade dos estudantes africanos na cidade, embora não de modo geral, mas já não há tanta preocupação com o olhar estranhado do franciscano. Mas, apesar das mudanças que vêm ocorrendo, como a percepção do verdadeiro fator para estarmos na cidade, distinção de quem é quem pelas nacionalidades, sobre tudo de Angola e Guiné-Bissau por serem as duas maiores

comunidades - muitos nativos ainda desconhecem que os africanos residentes na cidade vieram de cinco países diferentes, pois para muitos deles somos todos do mesmo lugar, e isso continua alimentando o estranhamento deles sobre os africanos, sobretudo quando deparam-se com estudantes conversando entre si, alguns na curiosidade chegam até a perguntar: vocês aprenderam a falar português aqui no Brasil? Essa pergunta deve-se ao fato de que para muitos, todos os africanos falam a língua deles, referindo-se ao o *crioulo*⁵.

Touraine aponta que, “[...], nenhuma sociedade moderna aberta às trocas e às mudanças tem unidade cultural completa e as culturas são construções que se transformam constantemente ao interpretar experiências novas”. (1997 *apud* MUNANGA, 2015, p.22).

Ainda assim, durante as entrevistas realizadas, as abordagens sobre a África trazidas pela maioria dos franciscanos eram de um país e não um continente. Segundo Munanga (2015), o Brasil é um país que nasceu do encontro de culturas e civilizações distintas, todavia, se faz necessário a discussão sobre essa temática e com isso é preocupante o papel das instituições de ensino na construção da cidadania, identidade e da consciência do indivíduo brasileiro.

Muitos franciscanos ainda desconhecem o verdadeiro motivo que levam os africanos a vir para sua cidade. Savaguardando a ideia distorcida do continente africano, muitos acreditam e outros preferem acreditar que os africanos vieram em busca de melhores condições de vida, e para algumas pessoas que sabem que esses estudantes estão aqui para os fins de estudo pensam que a UNILAB, enquanto universidade brasileira, deveria dar mais oportunidade à quem é franciscano, olhando assim o africano como privilegiado e que veio tirar o seu lugar dentro da universidade. Muitas dessas pessoas não buscam por informações e nem mostram interesses pela universidade, pois fomentam a pré-concepção de ser a universidade dos africanos.

A professora Valmira, franciscana de 34 anos apresenta sua visão quanto ao continente africano e os africanos durante a entrevista, ela conta:

Eu penso que as pessoas tentaram por muito tempo mostrar a África de uma forma África sofrida, pobre, uma África de uma certa forma insignificante, nas escolas e mídias só mostram aquele lado sofrido e que sabemos que não existe só na África, existe no Brasil e em todos os países só que de uma forma camuflada, mas existe. Eu penso que vocês são resilientes, vocês têm força de vontade de crescer e de absorver conhecimento, vocês transferem conhecimento, tem muita gente que aprende muita coisa com vocês. Só quem tem proximidade com pessoa que veio da África tem prioridade para falar algumas coisas. (VALMIRA, professora franciscana, entrevista realizada no dia 07 de maio de 2021)

5 Língua falada em Guiné-Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe, além do português que é a língua oficial desses países.

O contato do continente africano com o Brasil e especificamente o território baiano, vem se dando desde o período colonial e de escravização, que serviu justamente para a formação deste país. Todavia, a chegada dos estudantes africanos na cidade tem trazido muitas contribuições para a população nativa, não apenas sobre os africanos, mas também sobre a África e suas raízes de modo geral, por intermédio da apresentação dos nossos hábitos e costumes, diálogos com aqueles que se tornam nossos amigos e expõem suas dúvidas e curiosidades com relação ao continente, assim como, contribuições no comércio da cidade e na vida financeira de algumas pessoas. Podemos perceber alguns desses pontos na fala da professora Valmira:

Sendo sincera, a vinda dos africanos teve um impacto bastante significativo para mim financeiramente e no conhecimento. Hoje eu tenho amizade com algumas pessoas que são da África, aprendo muito na troca de conhecimento com os estudantes africanos que eu aluguei minha casa, quando eles queriam falar alguma coisa que só dizia respeito à eles, eles falavam na língua deles, eu ficava curiosa e perguntava para um deles que mais falava comigo “está falando mal de quem que você não quer que eu saiba?” e aí ele dizia: nada não dona Valmira, e as vezes me explicavam do que estavam falando. (VALMIRA, professora franciscana, entrevista realizada no dia 07 de maio de 2021)

Atualmente, a cidade de São Francisco do Conde conta com um número bastante significativo de estudantes africanos, mais de 200, todos residentes em casas alugadas. O que significa, que o município teve um crescimento considerável no tocante a locação de imóveis, e são várias as pessoas que preferem arrendar para os estudantes africanos. Segundo um franciscano, essa preferência se deve ao fato de terem suas casas alugadas para esses estudantes por anos, sem mesmo ter que se preocupar em locar para outras pessoas. Mas, por outro lado, existem pessoas que preferem não alugar para africanos, devido ao que eles chamam de viver em república, ou seja, porque os estudantes tendem a viver em número de quatro ou mais pessoas, como fruto de uma pré-concepção, acham que quanto maior for o número de pessoas maior o risco do imóvel ser degradado. Todavia esses contatos a partir do processo de locação de imóveis tem principiado a transformação do olhar diferenciado dessas pessoas, que no ato da negociação e as vezes em pequenas conversas noutras circunstâncias, se dispõem para saber da história desses estudantes.

Vale destacar aqui uma divisão na população franciscana e esclarecer que não estamos diante de uma questão generalizada. O olhar franciscano sobre o africano está dividido e ele acontece de acordo ao conhecimento ou desconhecimento que cada cidadão nativo tem sobre a África e o africano, existem em São Francisco do Conde pessoas que têm informações

complexas acerca do continente africano, como há indivíduos que nada sabem, por outro lado aqueles que têm noções absorvidas através dos meios de comunicação sobre uma África exótica e os mantém até ao presente momento, e por último aqueles que nada querem saber sobre o africano e de onde vêm.

Um dos estudantes africanos entrevistado conta que sentiu-se surpreendido ao conversar com dois de seus irmãos de igreja, em circunstâncias diferentes, referente a África, encarando duas percepções dissemelhantes que mudaram o seu olhar a respeito dos franciscanos, pois um desses jovens mostrou ter um conhecimento muito significativo do continente africano confrontado ao próprio estudante, enquanto que o outro externou possuir a ideia de uma África excêntrica. Conta ele:

Num certo dia, tive encontro com um irmão de igreja e no meio da nossa conversa sobre África eu falei que comparando o lugar onde eu nasci SFC é um gueto, ele todo assustado disse não pode, você nasceu na África, então peguei algumas imagens que tenho do meu aniversário e mostrei. A primeira questão dele foi: tem asfalto? e posteriormente questionou sobre os prédios. Então entendi que ele tem uma ideia que todo africano vive nas aldeias e convivem com os animais, segundo o que ele me contou é que isso tem a ver com o ensino que teve e não aprendeu muita coisa sobre África muito menos que é um continente com 54 países, e no final agradeceu por ter ampliado seu conhecimento sobre o continente. Existe também um outro irmão de igreja que tem mais conhecimento que eu sobre África, numa certa conversa ele demonstrou saber quais são os países da África Austral e muito mais, me senti perdido com o tanto de informação que ele tinha e acabei aprendendo muito com ele, daí percebi que não posso generalizar o povo franciscano pois nem todos são desinformados. (ELISEU GABRIEL VÍCTOR, estudante angolano, entrevista realizada no dia 04 de Maio de 2021)

O preconceito e o estranhamento são duas categorias de análise epistemológicas, fruto do que é desigual. O preconceito é uma ideia preconcebida sobre uma determinada pessoa ou grupo, sem que haja qualquer motivo ou informação, no entanto quando sucede uma ação que impeça ou fomente um tratamento indevido à esse grupo ou pessoa, esta ação então se amplia pela discriminação, no mais, essa construção pode ser moldada na medida que se conhece a verdadeira história desses grupos ou pessoa. “Discriminação propriamente dita é a negação da igualdade de tratamento aos diferentes, transformada em ação concreta ou comportamento observável”. (MUNANGA, 2010, p.7)

Segundo Munanga (2010), existem variados tipos de preconceitos formulados a partir das diferenças percebidas entre nós e os outros, diferenças constituintes das práticas de discriminação e da produção de pensamentos que as alimentam:

A lista das diferenças pode ser indefinidamente ampliada para mostrar que existem tanto preconceitos quanto diferenças nas sociedades humanas. Quem de nós pode negar que nunca foi objeto e sujeito de preconceito em sua vida? É por isso que se diz

que os preconceitos são universais, pois não existe sociedade sem preconceito e não há preconceito sem sociedade. Nem por isso devemos naturalizar os preconceitos, pois são fenômenos culturais produzidos pela sociedade na qual eles têm uma certa função. (MUNANGA, 2010, p.6)

O olhar do franciscano está embasado no preconceito, estranhamento e em alguns casos no desconhecimento, porém não estamos debruçando aqui sobre preconceito racial tampouco discriminação racial, todavia, trata-se de um dos diversos tipos de preconceito apresentado por Kabengele Munanga, pelo fato que se aborda sobre a construção ideológica de alguns franciscanos sem que se preocupem em conhecer a história dos africanos residentes na cidade. Deste modo, percebe-se, então, que por se tratar de dois territórios, África e Brasil, estamos diante da abordagem de um preconceito étnico ou cultural, esse preconceito que atende a uma ideia etnocêntrica a partir dos olhos dessas pessoas. Um olhar que de modo igual gira em torno dos africanos, porém num sentido que se difere do olhar franciscano, e se distingue como resistência e preservação das culturas africanas.

O etnocentrismo do franciscano costuma ser captado pelos africanos quando esses interferem nas manifestações culturais, de hábitos e costumes dos estudantes africanos. Existe a compreensão desse fenômeno quando nos reunimos para um convívio, é bastante óbvio o incômodo de alguns nativos, que na sua maioria afirmam que quando há essas manifestações somente causamos alvoroço, ao passo que simplesmente manifestamos o nosso modo de festejo nesses convívios como parte do que é étnico. Munanga (2010) define etnia como:

[...] um conjunto de indivíduos que possuem em comum um ancestral, um território geográfico, uma língua, uma história, uma religião e uma cultura. Colocando-se numa posição etnocêntrica, seus membros desenvolvem preconceitos étnicos ou culturais quando manifestam tendência em valorizar sua cultura, visão do mundo, religião, etc. e em menosprezar as de outras etnias que consideram inferiores. (MUNANGA, 2010, p.5)

De acordo com Laraia (1997), o etnocentrismo é causador de várias hostilidades sociais pelo fato que o homem detentor da produção da cultura, enxerga o mundo através da sua própria cultura e o leva acreditar que seu modo de vida seja o mais natural e correto.

Como apresentando anteriormente, aborda-se sobre um espectro da população franciscana e não na sua integridade. E apesar das inquietações de algumas pessoas, existem aqueles, ainda que de modo não muito significativo, se dispõem a entender as nossas manifestações culturais e assim aprender um pouco delas, colocando em causa o conceito de relativismo cultural. Considerando que o relativismo cultural é um fenômeno antagônico ao etnocentrismo, pois consiste na ideologia da valorização da cultura pelas suas diversas formas,

visto que varia de um lugar para outro. Assim sendo, cada cultura possui sua peculiaridade e por isso o relativismo cultural assenta-se a ideologia que todas as culturas devem ser vistas como certas e de igual valor aos olhos do homem.

Dialogando ainda com Laraia (1997), o homem é considerado um ser hegemonicamente cultural, que necessita realizar determinadas funções vitais, que embora sejam comuns, diferem de uma cultura para outra. Todavia o seu modo de se comportar não parte pelo determinismo biológico, pois sua herança genética não determina suas ações e pensamentos, e sim do processo de aprendizado no qual é submetido. Deste modo, pode-se afirmar a existência de um olhar diferenciado perpetuado pela construção da África pelos franciscanos, esse olhar verificado tanto no que se refere a religiosidade africana a despeito do que é concebida aqui no Brasil, precisamente o Candomblé e a Umbanda, mas sim a religiosidade africana dos africanos que vêm para São Francisco do Conde através da UNILAB e congregam nas igrejas da cidade e os mulçumanos. Tal como conta o estudante Israel Mawete para se referir a existência desses elementos:

Nós dentro das igrejas, na Assembleia de Deus e em qualquer lugar somos vistos com um olhar diferenciado. A gente consegue ver quando se vai à igreja, as pessoas pensam que o modo africano de adorar é só dançar, cantar músicas mexidas e enfim, então entende-se que ainda existe esses elementos. (ISRAEL MAWETE, estudante angolano, entrevista realizada no dia 30 de junho de 2021)

Mas, a atitude de algumas pessoas nos espaços de desporto e lazer, oportunizam práticas xenofóbicas. É uma experiência vivenciada quase sempre que ocupamos a quadra poliesportiva na orla, somos solicitados para terminar o jogo às pressas e as vezes estipulado um tempo. E durante muito tempo acreditamos que era um procedimento comum, pois assim como nós, os franciscanos também mereciam *bater o baba*, o fato é que quando o processo fosse inverso a quadra não era liberada até que esses decidissem terminar seu jogo, logo depois percebemos então que a solicitação para liberação da quadra somente decorria do nativo para o africano e nunca entre eles mesmo.

Segundo Pozza (2016), as práticas xenofóbicas percorrem no momento em que o migrante é observado como o *outro* num determinado território, mediante a racionalidade da ideia absoluta sob forma de ordem.

[...] o (ir)raciocínio que se desenvolve segue esse entendimento, guiado pela razão metonímica, em que aquele que ocupa a zona do ser entende que, naquele território que ele denomina como seu, o migrante só pode estar nele se aceitar subjugar-se frente às suas práticas, normalmente ocidentais, que operam como dominantes. (POZZA, 2016, p.5)

Comparando a situação de africanos residentes em São Francisco do Conde com outras cidades do Brasil, percebe-se que os desafios diários para o alcance dos objetivos não dissemelham muito, pois enquanto migrantes as lutas são constantes e árdua. Por ser um município com a população majoritariamente negra, não enfrentamos problemas de preconceito racial dentro no município, embora não seja para todos, nós estamos melhor acolhidos. Todavia o cotidiano é bem distinto ao de Fortaleza, tal como aponta Langa:

No cotidiano em Fortaleza, os africanos percebem a dificuldade dos brasileiros em chamá-los pelos nomes próprios e, assim como pelo fato de facilmente esquecerem-se de suas nacionalidades e nomes de seus países de origem, substituindo-os pela categoria nativa brasileira *negão*. Quando são visibilizados, são apresentados como indivíduos exóticos, tradicionais, polígamos, islâmicos, vestindo roupas coloridas, falantes de línguas estranhas, analfabetos, dentre outros estereótipos existentes. (LANGA, 2012, p. 5).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o que foi dito até aqui, podemos dizer que houve mudanças que transformaram o olhar de muitos franciscanos diante dos africanos residentes no município, desde a chegada da UNILAB. E, embora seja um número não muito expressivo, as mudanças ocorridas caracterizam-se pelas aproximações entre essas pessoas e os estudantes africanos através das relações culturais e sociais cotidianas. De fato, os primeiros contatos foram marcados por vários estranhamentos sobre a África e os africanos, mas ao passar do tempo esses foram sendo moldados e ainda continuam sendo, como fruto de uma ação decorrente pelo processo de inserção dos estudantes no contexto da cidade, mediante a construção de laços de afeição que possibilitam diálogos e trocas de diversas informações com a comunidade franciscana, pois a UNILAB enquanto instituição não consegue produzir essas modificações.

As primeiras impressões de muitos estudantes africanos, antes de imigrar para o Brasil, foram pautadas na ideia da mestiçagem, presumindo inexistência de dificuldades identitárias pelo fato de serem negros assim que situados em território brasileiro, cuja população é majoritariamente negra, portanto a situação deferiu-se pelas manifestações de estranhamento e tratamento diferenciado, fazendo esses então, não se verem identificados. Contudo, hoje ainda existe o grande dilema de ser migrante temporário e ter que se afirmar que não é daqui. Ainda que se declare não pertencer a esse lugar, é notório a comodidade de alguns estudantes africanos dentro da cidade, pois na medida que passamos a medir as coisas a partir do contexto brasileiro e não apenas dos nossos, as dificuldades que impediam de acomodar foram sendo sintetizadas.

Tal como a citação de Touraine (*apud* MUNANGA, 2015, p.22), apresentada no desenvolvimento deste artigo, embora não muito significativo o número, o etnocentrismo do franciscano tem sido transformado, todavia a passos muito lento, porém há aceitação das manifestações culturais africanas mediante esse pequeno grupo de pessoas.

Podemos perceber também que permeiam-se muito desconhecimento sobre a África e os africanos pela maioria, entretanto muita gente sabe e já percebe, que a abordagem da África deve ser desgeneralizada por se tratar de um continente e não de um país, e que existem estudantes de distintas partes dentro do município. Muitos de nós se sente como parte da cidade através do tempo e até mesmo pela convivência. Porém, ainda há alguns resquícios de estranhamentos em lugares cujo o olhar africano exótico perpetua para certas pessoas, não obstante algumas dessas pessoas já conseguem lidar com as diferenças.

Os estudantes africanos sempre foram facilmente percebidos pelos habitantes nativos como não sendo da cidade, porém, o fato é que, há alguns anos éramos simplesmente identificados como africanos através das vestimentas e pela fala, hoje esses meios já não são as únicas vias de nossa identificação, pois ainda que usemos roupas compradas no Brasil e nos mantemos calados, a população sabe quem é nativo e quem não é, o nosso reconhecimento torna-se facilitado também pelo andamento, estilo e a forma de ser que é diferenciada por nacionalidade.

Duas jovens que foram entrevistadas no mesmo momento, contaram que conseguem identificar os estudantes africanos por terem os estilos diferentes, porém uma delas expôs que passou a perceber que os africanos não são todos do mesmo lugar, pois possuem um modo de ser diferente, enquanto que para outra todos são angolanos.

Respondendo a questão da pesquisa, compreende-se então que houve algumas mudanças em termos comportamentais, mas que precisam ser trabalhadas ainda mais de modo que essas sejam bastante significativas, e de fato ainda permeiam olhares diferenciados que ao depender da situação geram estranhamentos e preconceitos.

REFERÊNCIA

BENDO, Margarida Duete Lourenço. **Estranhamento e convivência dos estudantes africanos em São Francisco do Conde**, Trabalho de Conclusão de Curso, Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, UNILAB. 2016. Disponível em: repositorio.unilab.edu.br:8080/jspui/bitstream/123456789/654/1/2016_mono_mbendo.pdf. Acesso em: 22 Fev. 2021.

Brasil tem dívida histórica com África diz Lula. **G1.globo**, 2010. Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2010/07/brasil-tem-divida-historica-com-africa-diz-lula.html>. Acesso em: 19 de Mai. 2021

Campus dos Malês São Francisco do Conde. **Unilab.edu.br**. Disponível em: <http://www.unilab.edu.br/campus-sao-francisco-do-conde/>. Acesso em: 20 de Mai. 2021

Estatuto da Unilab. **Unilab.edu.br**. Disponível em: <http://www.unilab.edu.br/estatuto-da-unilab/>. Acesso em; 12 de Fev. de 2021

GAMA, Fabiene. **A autoetnografia como método criativo: experimentações com a esclerose múltipla**, *Anuário Antropológico* [Online], v.45 n.2 | 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/aa.5872>. Acessado em: 23 de Jul. 2021

GUSMÃO, Neusa M. M de. **Africano no Brasil, Hoje: Imigrantes, Refugiados e Estudantes**. Revista Tomo, nº 21, 2012, UFJ Aracaju. Disponível em: <http://seer.ufs.br/index.php/tomo/article/viewFile/895/785>. Acesso em: 08 Mar. 2021

IBGE, **Censo Demográfico, 2010**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/sao-francisco-do-conde/panorama>. Acesso em: 08 Mar. 2021

LANGA, N, B, Ercílio. **Diáspora africana no Ceará: desafios diante da alteridade e ressignificações de identidades étnico-raciais**. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDOS SOBRE A DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO DA ABEH, 6. , 2012, Salvador. **Anais Eletrônico**. Salvador: UFBA, 2012. Disponível em: <http://pt.slideshare.net/erciliolanga/trabalho-completo-diaspora-africana-no-cear-ercilo-linga>. Acesso em: 08 Mar. 2021.

LARAIA, Roque de Barros, 1932. **Cultura: um conceito antropológico**. 11. ed. Rio de Janeiro: Jorge "Zahar" Ed. Ltda, 1997.

MUNANGA, Kabengele. **Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje?** Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 62, p. 20–31, dez. 2015. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rieb/a/WxGPWdctyJgSnNKJQ7dMVGz/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 19 de Mai. 2021

_____. **Teoria social e relações raciais no Brasil contemporâneo**.2010. Disponível em: https://www.mprj.mp.br/documents/20184/172682/teoria_social_relacoes_sociais_brasil_contemporaneo.pdf. Acessado em: 30 de Jul. 2021

Município de São Francisco do Conde. **Cidade-Brasil**. Disponível em: <https://www.cidade-brasil.com.br/municipio-sao-francisco-do-conde.html>. Acesso em: 20 de Mai. 2021

ROLIM, Cassio. **A Universidade nos PALOP: Que Espelho Mirar? Uma discussão tomando como exemplo a disciplina**

Economia Regional e Urbana. *Cadernos de Estudos Africanos*, 2020. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cea/4933>. Acesso em: 17 de Jul. 2021

POZZA, Natália Flores Dalla. **A racismo e a xenofobia no fenômeno migratório analisados pela égide do pensamento colonial e a (in)atividade do poder público frente a essas práticas.** XII Seminário Nacional Demandas e Políticas Públicas Na Sociedade Contemporânea, 2016. Disponível em: <https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/snpp/article/view/14564/3348>. Acessado em: 17 de Jul. 2021

São Francisco do Conde. **saofranciscoconde.ba.gov.br**. Disponível em: <https://saofranciscoconde.ba.gov.br/page/7/?s=Unilab>. Acessado em: 17 de Jul. 2021

UNILAB: Caminhos e Desafios Acadêmicos da Cooperação Sul-Sul / Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira; organizado por Camila Gomes Diógenes e José Reginaldo Aguiar. – Redenção: UNILAB, 2013.